

ENSAIO SOBRE A MINHA MORTE

ESTES DELÍRIOS VIOLENTOS

Aquela frase caíra que nem uma bomba na festa. Todos estavam incrédulos. Ninguém parecia ainda acreditar no que ouvia. Jennifer caiu nos braços de Rodrigo num pranto, esvaindo-se em lágrimas que provinham de um sentimento que não conseguia identificar. Não sabia o que era. Se alegria, se tristeza, se raiva... Todo um turbilhão indescritível. Enquanto isso, Selton apenas permanecia estático, petrificado e boquiaberto, incapaz de mover um músculo. Jack e Ed iam resmungando, sem perceber ainda o que estava a acontecer, embora toda a família Einfeld mostrasse preocupação. Madeleine permanecera sentada. A confusão era geral. E embora não estivesse alheia a tudo isso, a voz, que todos sabiam agora ser de Lena, continuou a falar como se nada tivesse acontecido.

-Acalmem-se. Não é o fim do mundo. Não sou nenhum fantasma que veio para vos assombrar. Bom... pelo menos, não sou um fantasma. *Mas como?*, dizem vocês. *Como diabos aquela rapariga conseguiu sobreviver a uma queda de cinquenta e oito andares? Como diabos teve ela acesso a esta festa? Como é que isto está a acontecer?* Lamento informar-vos, mas essas são perguntas às quais terei que responder mais tarde, caso responda. De momento, há questões de carácter mais urgente. E a principal, penso que todos saibam. Até porque não me parece que alguém realmente acredite que eu me tenha tentado suicidar há seis meses, e muito menos que eu tenha simplesmente escorregado. À Torre Einfeld pode faltar muita coisa, incluindo vias para pessoas na minha atual condição, mas segurança não falta com certeza.

Uma mão ergueu-se no meio da multidão da festa. Era Selton, que pela primeira vez reagia a tudo. Lena deu-lhe a palavra.

-Porque é que tu estás a fazer isto? Porquê desta forma? Porque é que nunca disseste nada? Que condição é essa? Tu não achas que podias ter dito alguma coisa?

A dor e a revolta eram explícitas na voz de Selton, apesar de o seu rosto permanecer seco como um deserto. Talvez tivesse já esgotado todas as lágrimas que podia chorar. De repente, fez-se silêncio no alto da Torre Einfeld. Nada se ouvia, à exceção de um som daquilo que pareceu ser Lena a varrer uma lágrima do seu rosto. Mas a resposta não podia ser mais evasiva.

-Pensei que fosses um pouco mais esperto do que isso, muito honestamente. Tu sabes que eu nunca iria embora sem te dizer alguma coisa. Não se não soubesse que isso teria as piores consequências que alguma vez poderíamos imaginar. O que era o caso. Eu sabia que tudo isto ia acabar mal se te contactasse. Do mesmo jeito que sabia que esta família que aqui se mostra a todos hoje tem mais histórias para esconder do que para contar. Ninguém aqui é inocente. Foi com essa convicção e posterior confirmação que eu decidi investigar os Einfeld, os poderosos Einfeld, a família megapoderosa, o pináculo da virtude e do exemplo. Eu suspeitava de muita coisa, mas o que encontrei era assustadoramente maior e pior do que alguma vez imaginara. Foi por isso que, há seis meses atrás, naquele fatídico jantar de ensaio, e mesmo contra algumas advertências que recebera, avisei a minha irmã e melhor amiga do ninho de cobras em que se estava a meter e que as coisas iam aquecer muito brevemente. Mas, para meu grande espanto, a Jennifer já sabia. Aliás, tentou até dissuadir-me de seguir em frente. Aí percebi que talvez eu tivesse cometido um grande erro. Contar à Jennifer sobre o meu plano de os expor foi talvez o que desencadeou toda a série de eventos que levou à minha quase morte naquela mesma noite. O problema foi eu ter sobrevivido, porque hoje, todos vão saber quem foram os responsáveis pela minha queda. E sim, os. Porque quase todos os que aqui estão presentes

têm tanta responsabilidade pelo que me aconteceu como aquele monstro de olhos verdes e alma suja e doente que me empurrou pela torre abaixo.

As palavras de Lena tinham o seu efeito. Todos fitavam Jennifer, como que acusando-a com o olhar, enquanto buscavam desesperadamente os olhos verdes de que Lena acabava de falar. Ou quase todos. Outros, como Madeleine, Jim e até Selton, tentavam levar o seu olhar para longe, como que tentando esconder de todos o tom claro que exibiam as suas íris. A confusão e o desespero imperavam. Mas nada parava Lena, que calmamente continuava a sua narrativa.

-Mas adiante. É claro que se a Jennifer sabia de toda a corrupção, traição e perfídia que envolvia a família Einfeld e me tentava até impedir de continuar, ela estava de certa forma envolvida e com certeza iria contar ao resto da família. Como é lógico, eles não iam deixar que uma jornalista qualquer os expusesse dessa forma, principalmente quando Jack cogitava candidatar-se à Presidência da República.

Jack começou a barafustar e a mexer no telemóvel.

-Sr. Einfeld, é melhor parar com o que está a fazer. Eu estou a avisá-lo a bem. - mas Jack não parava – Sr. Jack, é o último aviso! Largue o telemóvel!

Jack insistiu. O que se seguiu foi um estrondo. Uma explosão. Os olhares dos presentes procuraram insistentemente o que havia acontecido. Jack largou o telemóvel e gritou, correndo em direção à sua irmã, que estava presente entre os convidados. Ou pelo menos o que restou dela, depois do seu exuberante colar de esmeraldas explodir e lançar sangue e pedaços da sua cabeça e tórax pelos ares. Lançou impropérios de todo o tipo a Lena, enquanto pedia a médicos lá presentes para remediar o irremediável, aos jornalistas para registarem bem aquela cena, à família para se juntar a ele e se revoltar contra Lena. Toda a gente começou a protestar, ainda que a medo, pois a insegurança era inevitável depois do que acontecera. Lena voltou a fazer-se ouvir, calma e serena.

-Eu avisei-o, Jack. Você realmente acha que, depois do que me aconteceu, eu tenho medo de alguma coisa? Não se iluda. Se é para jogar com as vossas regras, eu jogo. Sem problemas. Resta saber se vocês também gostam de jogar quando sou eu quem controla o tabuleiro. - o barulho seguia e a revolta era crescente – Querem falar? É que daqui eu não consigo ouvir nada! Mas tudo bem, assim até me ajudam. Vão-me lembrando de todas as coisas que eu descobri. Humm... Ouçam com atenção. Eu vou ligar os microfones. Mas se, por algum triste acaso, eu ouvir mais do que uma voz ao mesmo tempo, eu mando mais alguém fazer companhia à sra. Einfeld no inferno. Percebido?

Rodrigo e Jim pareciam ter assumido o controlo da multidão, seguidos de Ed. Fez-se silêncio. Foi então que Jack começou:

-Que tipo de divindade se acha você? Que justiça é esta? A senhora tem noção do que acabou de fazer?

-Tenho, tenho sim! - respondeu Lena – Diga-me, sr. Einfeld, que tipo de divindade se acha o senhor? Por acaso tem noção de quantos milhares de pessoas inocentes ficam sem casa por causa dos projetos megalomaniacos que o senhor concebe e executa depois de subornar meio país? Tem noção de quantas crianças trabalham em condição de escravidão longe daqui para que os seus negócios sejam tão rentáveis? De quantos já morreram por suas ordens depois de cruzarem o caminho entre si e o poder?

Jack empalideceu de tal forma que Ed o segurou e o fez sentar. Os jornalistas não paravam de fotografar. O momento era histórico. Mas ainda assim, depois do que Lena acabara de dizer, ninguém sentia que ali se estivesse a fazer justiça. E foi Jim quem tomou a palavra:

-Lena, ouve-me. Eu não sei de onde me vês, mas sou eu, o teu irmão. Por favor, pára. Eu não faço parte desta família e consigo perceber que isto está errado. Tu mataste uma pessoa. Não te transformes num deles. Acaba com isto.

-Jim, meu querido irmão, diz-me. Tu realmente acreditas que eu sou como eles? Eu não vou acabar com isto de jeito nenhum, até porque isto está bem longe de acabar. Ainda há muito por onde explorar. Aliás, ainda bem que referiste o facto de não fazeres parte desta família. Eu pergunto-me se a Jennifer tem a mesma opinião. Será que a nossa maninha sabe o que tu e o, agora marido, dela fazem quando ela e a Patrícia viram costas?

Jim e Rodrigo cruzaram olhares de preocupação. Selton fitava o padre Cory, que levava as mãos à cabeça enquanto chorava incessantemente, agarrado a um copo de vinho. Madeleine escondia o seu olhar e o seu rosto de todos com as mãos e Jack mostrava sinais de que podia ter um enfarte a qualquer momento, enquanto Ed lhe dava água e ordenava aos jornalistas que parassem imediatamente o que estavam a fazer, ordem obviamente não acatada. Jennifer olhou Rodrigo com raiva, enquanto Patrícia parecia confusa. Lena deu uma gargalhada.

-Ela sabe! Oh! Jennifer, quem és tu? Que mulher és tu? Que sabes e permites que o teu homem te traia, ainda por cima com um homem. Homem esse que é teu irmão. Onde é que está aquela criança que eu conheci que tinha ciúme de cada amiga nova que eu fizesse, de qualquer penteado que eu ou o Jim elogiássemos que não fosse o teu, da atenção que o padre Cory dava ao Jim a mais que nós? Em que é que tu te transformaste?

Jennifer parou de chorar e a sua face assumiu uma postura séria. Emanava raiva e petrificava só com o olhar quem quer que ousasse virar-lhe os olhos. Decidiu responder, mas ainda não tinha começado a falar quando Lena a interrompeu:

-Desculpa, Jennifer, mas lembrei-me agora de uma coisa que não posso deixar passar em branco. Quase me esquecia. E esta eu aposto que nem tu sabes. Mas certamente te lembras da atenção que o padre Cory dedicava ao nosso irmão. Era muita atenção, muito carinho, comparado com aquilo que nós recebíamos. Era exacerbado. Mas que surpresa foi para mim descobrir a razão de tudo isso... E não é que o santíssimo padre Cory tinha um filho a crescer no orfanato da Fundação Einfeld, no qual ele era um dos responsáveis? Melhor! Que esse filho se chamava Jim?

Toda a gente parou em choque. Jim começou a chorar e foi Patrícia quem o confortou. Selton, que fitava ainda o padre Cory, estranhou o comportamento do padre, que naquele momento se benzia em pé, e chamou a atenção de Patrícia com o olhar, que por sua vez alertou Jim. O irmão de Jennifer correu atrás de Cory, que naquele momento começara a correr também em direção ao limite do edifício, a fim do suicídio. A determinado momento, Jim alcança-o, gritando a palavra *Pai*. Lena recomeçou:

-Que querido! Que enternecedor! "Pai"! Jim, meu querido irmão, diz-me, por acaso o teu pai falou-te de algum dos teus, pelo menos que eu seja sabedora, quatro irmãos? - Jim fitou Cory, que chorava – Pois! Bem me parecia!

Selton estava cansado. Aquela noite estava a ser demais para a conta. Uma mulher já tinha morrido e um homem tentado o suicídio por causa de uma exposição pública que parecia ser acima

de tudo um capricho da mulher que ele amava. E tudo bem na frente dos seus olhos. Decidiu pegar no microfone e interromper Lena:

-Chega! Lena, chega! Abre as saídas!

Lena parou em silêncio, por um instante, mas respondeu.

-Desculpa, Selton. Mas isso ainda não vai acontecer.

-Vai, sim. - Selton caminhou em direção a um dos seguranças e tirou-lhe a sua arma, apontando-a a própria têmpora, enquanto tremia.

-Selton! - o grito de Lena deve ter sido ouvido até no rés-do-chão do edifício.

-Ou tu abres as saídas ou disparo. Escolhe. Abres as saídas e terminas com esta barbaridade ou continuas mas comigo no chão, sem vida.

-Tu não percebes, pois não? Isto nunca vai ter um final feliz. Não para nós. Esta é a única maneira de garantir que o deles também é merecido.

-Tu sabes muito bem que julgamentos públicos nunca foram justos, nunca foram merecidos. É a última vez que te digo, Lena. Ou abres as saídas, ou disparo.

Ouviu-se um longo suspiro. Então uma porta do elevador abriu-se. Selton foi para lá a correr, junto com uns quantos convidados mais próximos do mesmo, e o elevador fechou-se, descendo finalmente. Outros convidados tentaram abrir a porta de acesso às escadas, mas sem sucesso. Olharam para os dígitos que haviam começado a mudar acima do elevador. O número exibido foi diminuindo até ao número quatro, no qual estagnou. Lena devia tê-lo desativado novamente com Selton lá dentro. Estavam encurralados à mesma.

-Eu acho que não é preciso dizer que episódios destes não vão repetir-se. Não até eu terminar. Ainda há muito do que falar. É claro, ainda não falei das eleições, mas nunca eu deixaria isso escapar-me da memória. Diga-me, sr. Einfeld, quantas pessoas subornou e quantas outras mandou matar para conseguir a posição em que se encontra agora?

Jack parecia sem fôlego, incapaz de falar ou de se mover. Foi Ed quem respondeu a Lena:

-O meu pai nunca fez nada disso. Tudo aquilo que a menina disse até agora não passam de acusações sem prova nem fundamento. Mentiras muito bem elaboradas.

-O seu pai nunca seria capaz de nada hediondo, pois não, Ed? Nunca mataria, nunca subornaria, nunca trairia a sua mãe, nunca tomaria preferência por um filho, nunca humilharia o outro... Pois não, Ed?

-Novamente lhe digo que tudo isso são mentiras. Não tem como provar nenhuma das barbaridades que diz.

-Por acaso até tenho, meu caro. Provas e testem... O quê?! Não pode ser!

Lena parara o seu discurso de forma abrupta. Algo que ela não havia planeado intercetou o seu campo de visão. Ninguém percebia muito bem o que se passava, até ouvir uma voz masculina soar nas caixas de som:

-Lena?... Tu...

Era Selton. Selton tinha chegado ao local onde Lena se encontrava.

-Baixa essa arma, Selton!

-Tu estás... numa cadeira de rodas? - a multidão ouvia o choro dos dois, começando a perceber a situação. - O que é isto? Que mala é essa?

-Selton, eu já te disse. Baixa essa arma. Por favor. Eu amo-te...

Depois deste pedido de Lena, tudo se passou muito rápido e ninguém percebia ao certo o que acabava de acontecer. Apenas se ouviu um sonoro *Não!* de Selton, seguido de um estrondo enorme.

Era um tiro.